

O VERBO *BA* 'IR' EM SÃO-TOMENSE: CONSTRUÇÕES DE VERBOS SERIAIS E SUBESPECIFICAÇÃO

TJERK HAGEMEIJER
(Universidade de Lisboa)

1. Introdução

O objectivo do presente trabalho é dar conta da distribuição complementar dos verbos são-tomenses *ba* e *be*, ambos significando 'ir', com particular ênfase naqueles contextos em que estes formam uma construção de verbos seriais (CVSs) com outros verbos de direcção. Esta distribuição complementar permite-nos concluir que a partilha de argumentos internos, tal como tem sido defendido por autores como Baker (1989) ou Collins (1997), não é uma propriedade obrigatória das CVSs, já que será aqui argumentado que dois verbos inergativos podem formar predicados complexos verbais.

Ainda com base na mesma distribuição, e evidência de, por exemplo, construções locativas, apresentamos argumentos que nos levam a concluir que alguns verbos na segunda posição de CVSs são subespecificados quanto ao traço verbal.

2. A distribuição complementar de *ba* e *be* 'ir'

Tanto quanto sabemos, a distribuição entre *ba* e *be* foi pela primeira vez brevemente estudada por Ferraz (1979:89). Quadro 1 mostra-nos que *ba* ocorre exclusivamente em contextos ergativos, com um Alvo especificado, enquanto a sua contrapartida *be* ocorre em contextos inergativos, i.e. sem Alvo especificado.

Quadro 1: a distribuição entre *ba* e *be*.

E <i>ba</i> [_{NP} n'ala]. (Ele foi para lá)	E <i>be</i> [_{PP} d'ai]. (Ele foi daqui)
E <i>ba</i> [_{NP} ke]. (Ele foi para casa)	E <i>be</i> [_{PP} ku bo]. (Ele foi contigo)
E <i>ba</i> [_{PP} nglentu ke]. (Ele foi para dentro de casa)	E <i>be</i> [_{ADV} ndjandjan]. (Ele foi depressa)
E <i>ba</i> [_{NP} omali]. (Ele foi ao mar)	E <i>be</i> [_{PP} d'omali]. (Ele foi por mar)
E <i>ba</i> [_{PP} we karu]. (Ele foi para o banco de frente do carro)	E <i>be</i> [_{PP} ni we karu]. (Ele foi no banco de frente do carro)

Por outras palavras, *ba* forma um constituinte télico com o seu argumento (locativo), ao passo que *be* não selecciona argumentos locativos e, por conseguinte, representa um evento atélico. Esta distribuição lembra, por exemplo, a distribuição de auxiliares perfectivos em línguas como o Neerlandês e o Italiano.

- (1) Ik **heb** {hard/met Maria} gerend. (Neerlandês)
 eu tenho {depressa/com Maria} corrido
 'Corri depressa/com Maria.'
- (2) Ik **ben** {naar/via} Faro gerend.
 eu sou {para/através} Faro corrido
 'Corri para/através de Faro.'

A importância do traço télico é corroborado pelos seguintes exemplos com reduplicação verbal. À semelhança de verbos tipicamente inergativos (cf. 3), *be* pode ser reduplicado para dar uma interpretação durativa (cf. 4). Verifica-se que esta opção não está disponível para verbos ergativos (cf. 5 e 6)¹.

- (3) Zon landa-landa, so chiga kanwa.
 Zon nadar-nadar então chegar canoa
 'Zon continuou a nadar até chegar à canoa.'
- (4) Zon be-be, so chiga losa.
 Zon ir-ir então chegar roça
 'Zon continuou sempre a ir e consequentemente chegou à roça.'
- (5) *Zon kye-kye son.
 Zon cair-cair chão
- (6) *Zon ba-ba poson...
 Zon ir-ir cidade de S. Tomé...

Argumentos locativos sempre precedem constituintes de outra natureza. Compare-se os exemplos (a) e (b) de (7-9).

- (7) a. E ba [_{NP} poson] [_{PP} ni we karu].
 3SG ir povoação em frente carro
 'Ele foi a cidade de S. Tomé no lugar de frente do carro.'
- b. *E be/ba [_{PP} ni we karu] [_{NP} poson].

- (8) a. E ba [_{NP} Pla Konsa] [_{ASP} ka kole].
 3SG ir Praia Concha ASP correr
 'Ele foi a correr à Praia das Conchas.'
 b. *E be/ba [_{ASP} ka kole] [_{NP} Pla Konsa].
- (9) a. E ba ke {tasondu/djandjan}.
 3SG ir casa {sentado/depressa}
 'Ele foi sentado/depressa para casa.'
 b. *E be/ba {tasondu/ndjandjan} ke.

Constituintes comitativos², porém, têm um estatuto diferente, já que podem ficar em posição adjacente ao verbo. Nestas circunstâncias, a ordem linear determina a selecção do verbo.

- (10)a. Maya ba [_{NP} ke Zon] [_{PP} ku-inen {mina/kitchiba se}].
 3SG ir casa Zon com-3PL child/banana DEM
 b. Maya be [_{PP} ku-inen {mina/kitchiba se}] [_{NP} ke Zon].
 'Maya foi à casa de Zon com estas crianças/bananas.'

Tal como instrumentos, também introduzidos por *ku*, comitativos geralmente se encontram numa posição mais alta da hierarquia temática de línguas africanas do que é o caso para línguas europeias (cf. por ex. construções de objecto duplo em Bantu). Possivelmente, estes argumentos partilham o seu papel temático e caso nominativo com o sujeito.

- (11)a. [Maya ku-inen mina se] ba ke.
 'Maya e estas crianças foram para casa.'
 b. [Maya] ba ke [ku-inen mina se].
 _____⊖_____

3. Construções de verbos seriais de direcção

Construções de verbos seriais de direcção são um tipo de predicados complexos que tipicamente se constróem com dois verbos de movimento, sendo o primeiro geralmente de modo de movimento e o segundo de direcção de movimento. Existem vários argumentos a favor da hipótese de CVS serem predicados complexos.

SVCs em geral são eventos sintacticamente complexos constituídos por vários V^os. A forte coesão entre estes núcleos não pode ser interrompida pela inserção de outros V^os³.

- (12) Toma gweva bi ku-e ke da mu!
 tomar goiaba vir com-3SG casa dar 1SG
 'Traz-me as goiabas para casa!'

As marcas de tempo e negação (disjunta) não podem interromper os SVs:

- (13) Zon na tava dese (*fa) (*na) (*tava) ba poson fa.
 Zon NEG1 TP descer (*NEG2) (*NEG1) (*TP) ir cidade NEG2.
 'Zon não tinha descido para a cidade de S. Tomé.'

A colocação de dois advérbios com diferente referência temporal resulta agramatical.

- (14) Oze Zon che ba ke (*amanhan).
 hoje Zon sair ir casa (*amanhã)
 'Hoje Zon foi embora para casa.'

Contrariamente à restrição sobre estruturas coordenadas de Ross (1967), todos os argumentos em CVS podem ser facilmente extraídos.

- (15) Sa [ke]_i ku Zon kole bi t_i.
 ser casa que Zon correr vir
 'Foi para casa que Zon correu.' (aprox.)
 (16) Sa [budu]_i ku Zon zuga t_i buta pe omali.
 ser pedra que Zon jogar butar pôr mar
 'Foi a pedra que Zon lançou ao mar.'
 (17) Sa [omali]_i ku Zon zuga budu buta pe t_i.
 'Foi ao mar que Zon lançou a pedra.' (aprox.)

Geralmente os dois verbos em CVS podem ser focalizados para ênfase, sendo que a estrutura de base é sempre preservada quando isso acontece.

- (18) Sa bi ku Zon kole bi.
 'Zon veio mesmo a correr.' (aprox.)
 (19) Sa kole ku Zon kole bi.
 'Foi a correr que Zon veio.' (aprox.)

Em contextos de pergunta-resposta, podem ocorrer os dois verbos sobre os quais a interrogação incidiu ou apenas um dos dois.

- (20) a. E kole bi ke?
 'Ele veio a correr para casa?'
 b. E fan, e {kole bi/kole/bi}.
 'Sim, (ele) veio.'

Tendo verificado alguns dos efeitos de predicação complexa que as CVS apresentam, quadro 2 apresenta algumas combinações entre verbos intransitivos de movimento.

Quadro 2: combinações de verbos intransitivos de movimento

<i>Figura</i>	<i>V1 - Modo de Movimento</i>	<i>V2 - Direcção de Movimento + Deixis (+ Caminho)</i>	<i>Alvo</i>
	kole, landa, nda, vwa (correr, nadar, andar, voar)	be, ba, bi, subli, dese (ir, ir, vir, subir, descer)	((P) NP)
	<i>V1 - Direcção de Movimento (+ Caminho)</i>	<i>V2 - Direcção de Movimento + Deixis (+ Caminho)</i>	
	subli, dese, che (subir, descer, sair)	be, ba, bi	((P) NP)

Os exemplos (21) e (22) ilustram algumas dessas combinações:

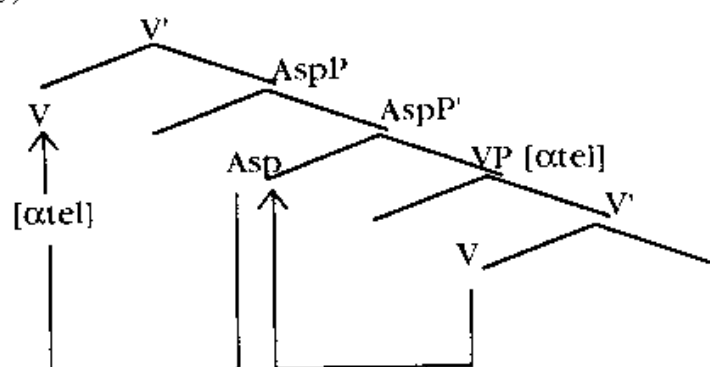
- (21) Papafigu vwa {subli/subli topi kapiton}.
papafigo voar {subir/subir topo capitão}
'O papafigo voou para cima/para o topo da árvore de pau-capitão.'
- (22) Maya che {be/ba Fela Pontu}.
Maya sair {ir/ir Feira Ponto}
'Maya foi embora/saiu para a Feira do Ponto.'

Assumimos que *ba* tem especificações positivas para direcção de movimento, deixis e caminho, ao passo que *be* tem especificações positivas para direcção de movimento e deixis, mas crucialmente é negativamente especificado para o traço [Caminho], devido à sua natureza atélica.

Propomos aqui que outros verbos intransitivos na segunda posição deste tipo de construções seriais são também marcados para esta distinção, embora sem apresentar o mesmo contraste morfológico. Defendemos, por isso, que verbos intransitivos de movimento são subespecificados no léxico quanto ao valor do traço [Caminho]: a derivação determina se esse valor será positivo ou negativo, resultando na distinção entre inacusativos e inergativos.

Além disso, assumimos que existe um princípio de *matching* do traço de telicidade de SV2 para SV1, através do AspP intermédio⁴. Por outras palavras, SV1 é subespecificado quanto ao traço [télico], cujo valor será fixado pelas propriedades de SV2. Prevê-se, portanto, que verbos ergativos ocorrem tipicamente com verbos ergativos, e inergativos com inergativos.

(23)



(24) Zon [_{-télico} kole be]
'Zon foi embora a correr.' (aprox.)

(25) Zon [_{+télico} kole [ba ke]].
'Zon correu para casa.'

O Princípio de Estrutura de Argumento Interno Cumulativo de Baker (1989) requer que cada verbo numa CVS tem no mínimo tantos argumentos internos como o verbo precedente. De facto, verbos triádicos nunca precedem verbos diádicos nas CVS de línguas serializantes.

O princípio acima também prevê que verbos inergativos sempre devem preceder verbos ergativos nas construções sob análise. Sem apresentar evidência empírica para esse facto, Baker assume que ao primeiro tipo de verbos correspondem os verbos de modo de movimento, ao passo que ao segundo tipo correspondem os verbos de direcção de movimento.

Veenstra (1996), no entanto, argumenta que em Saramaccan verdadeiros verbos inergativos não aparecem reduplicados em posição prenominal, contrariamente ao que se verifica com verbos ergativos e transitivos. Os verbos de direcção de movimento proto-típicos *gó* 'ir' e *kó* 'vir', porém, não aceitam esta posição. Por isso, este autor argumenta que estes verbos só dispõem de um argumento externo.

(26) *Dí wáka-wáka wómi. (Saramaccan; Veenstra 1996: 80-1)

DET andar-andar homem

(27) Dí jò-jò eis.

DET derreter-derreter gelo
'O gelo derretido.'

(28) *Dí gó-gó/kó-ko wómi.

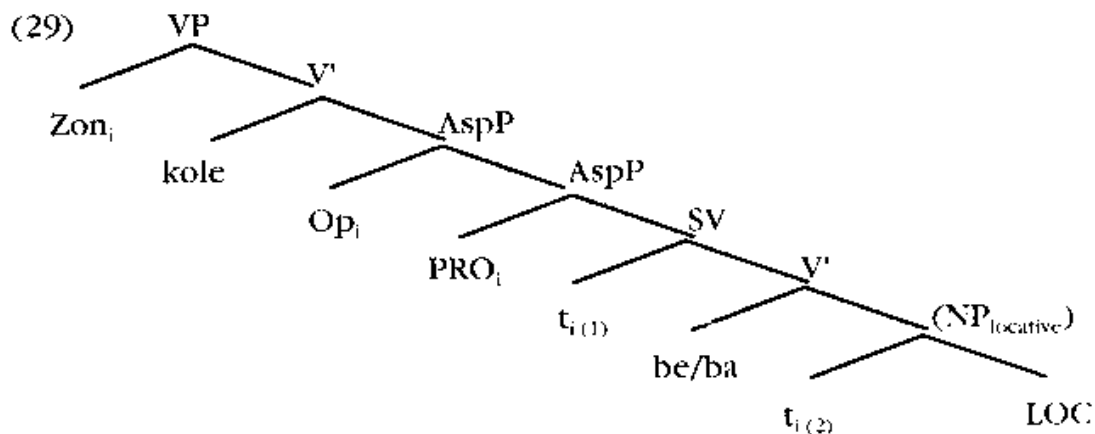
DET ir-ir/vir-vir homem

Estes exemplos mostram que é necessária alguma cautela no que respeita à classificação de tipos de intransitividade. Uma hipótese alternativa que não foi

previsto pelos autores acima consiste na possibilidade de o comportamento de verbos intransitivos ser específico quando inseridos numa CVS. Collins (1997) sugere que VIs aparentemente inergativos (verbos de modo de movimento) em CVSs direccionais possivelmente se tornam inacusativos quando seguidos de verbos de direcção de movimento, i.e verbos tradicionalmente considerados inacusativos.

A vantagem de estrutura (23) acima é dupla: em primeiro lugar, prediz-se que a configuração sintáctica determina o tipo de intransitividade do predicado complexo; em segundo lugar, os dois verbos nas CVS de direcção partilham o sujeito ou o argumento interno, ou seja, a partilha do argumento interno não é uma condição necessária para a formação destas construções.

Assumindo que a relação entre os dois SVs é estabelecida por controlo e um operador vazio em [SPEC,AspP] do SV encaixado (cf. Hagemeijer 2000), por motivos de coesão do predicado complexo, obtém-se a seguinte configuração:



Se o predicado complexo direccionial for de natureza inergativa, a parte final desta estrutura (entre parênteses) poderá obviamente ser dispensada, uma vez que neste caso PRO é gerado na posição de especificador do SV2 ($t_{i(1)}$). Caso o predicado complexo seja ergativo, PRO é gerado numa posição interna a SV2 ($t_{i(2)}$).

Uma vez que *ba* e *bi* em contextos de serialização ocupam um lugar onde existe uma tendência para gramaticalização como preposição, será útil testar as propriedades destes verbos. Nos seguintes exemplos, aplicamos respectivamente testes de marcação aspectual repetida (cf. 30), focalização do predicado (cf. 31), queda de sujeito (cf. 32), e um teste de SV nulo em contexto de pergunta-resposta (cf. 33). Os resultados também se aplicam a *bi* 'ir'.

- (30) Zon ka sublí ka ba losa.
 Zon ASP subir ASP ir roça.
 'Zon costuma sempre subir para a roça.'

- (31) Sa be ku Zon subli ba losa.
 ser ir que Zon subir ir roça.
 'Foi mesmo subir para a roça que Zon fez.' (aprox.)
- (32) a. Andji ku-e subli be?
 onde que-3SG subir ir
 'Para onde é que ele subiu?'
 b. *(E) ba losa
 3SG ir roça
 'Ele foi à roça.'
- (33) a. E subli ba losa?
 3SG subir ir roça
 'Ele subiu para a roça?'
 b. E subli (be).
 'Ele subiu.'

Qualquer uma dos testes acima mostra que *ba* ainda apresenta significativas propriedades verbais, uma vez que verdadeiras preposições reagem de forma diferente a estes testes.

4. *Ba* em posição de complementador

Ainda num outro contexto, o verbo *ba* parece desempenhar a função de complementador de orações finais quando é precedido de verbos de movimento intransitivos, fazendo lembrar as construções estudadas na secção anterior. Veja-se o contraste entre (34) e (35).

- (34) Zon kole {ba/bi/*p'e} fla ku Maya.
 Zon correr {ir/vir/*para-3SG} falar com Maya
 'Zon correu para ir/vir falar com Maya.'
- (35) Zon zuga budu {p'e/*ba/*bi} kebla zanela.
 Zon atirar pedra {para-3SG/*ir/*vir} partir janela
 'Zon atirou a pedra para partir a janela.'

Os seguintes testes com marcação aspectual repetida nos dois verbos, extracção, focalização do verbo, e elipse mostram que *ba* ainda dispõe de todas as propriedades verbais nestes contextos. Verdadeiros complementadores como *pa* teriam, obviamente, um comportamento agramatical face a cada um destes testes.

- (36) Zon ka che ka ba bende pichi ni fela.
 Zon ASP sair ASP ir vender peixe em feira
 'Zon sempre sai para vender peixe na feira.'

- (37) Sa [pichi], ku Zon che ni ke ba bende t, ni fela.
 ser peixe que Zon sair em casa ir vender em feira
 *'Foi peixe que Zon saiu de casa para vender na feira.'
- (38) Sa be ku Zon che ba bende pichi.
 ser ir que Zon sair ir vender peixe
 'Zon saiu mesmo para vender peixe.' (aprox.)
- (39) Zon che ba bende pichi, magi Maya na be fa.
 Zon sair ir vender peixe mas Maya NEG1 ir NEG2
 'Zon saiu para vender peixe, mas Maya não o fez.'

Uma vez que *ba* ocorre entre os SVs, qual será exactamente a sua relação com cada um dos SVs e mais especificamente se SV1 e SV2 formam uma CVS? A distribuição complementar entre *ba* e *be* pode fornecer o tipo de evidência de que necessitamos.

- (40) Zon kole {ba/*be} fla ku Maya.
 Zon correr {ir/*ir} falar com Maya
 'Zon correu para falar com Maya.'
- (41) Piskado {be/*ba} ba bende pichi ni ple.
 pescador {ir/*ir} ir vender peixe em praia
 'O pescador saiu para vender peixe na praia.'

À primeira vista, os dois exemplos acima sugerem que o SV intermédio não encaixa numa construção serializante. A não ser que formulemos critérios adicionais para definir o traço [Télico], é natural assumir que o SV *fla ku Maya*, em (40), constitui um event atélico. Por isso, se *kole ba* constituísse uma CVS, predir-se-ia que o *be* atélico deveria ocupar essa posição. No entanto, não é isso que se verifica.

De resto, CVS direccionais podem preceder *ba*, como em exemplo (42). Neste contexto, *ba* parece estar fora do domínio de serialização.

- (42) Zon kole be ba fla ku Maya.
 Zon correr ir ir falar com Maya
 'Zon correu embora para ir falar com Maya.'

Em exemplo (41) acima, *piskado be* claramente constitui um domínio independente, o que é corroborado pelo seguinte exemplo:

- (43) Piskado {be/*ba} ba poson.
 pescador {ir/ir} ir cidade
 'Os pescadores foram à cidade de S. Tomé.'

Embora sequências como *be ba* ocorram no meu corpus, a ligeira hesitação sentida pelos falantes perante a sequência *be ba* deve-se provavelmente ao grau de reanálise de *ba* como preposição. Esta sequência mostra-nos no entanto que a ocorrência de *ba* entra em conflito com a sua posição estrutural. Dada a natureza télica do constituinte *ba poson*, é surpreendente que *be*, o verbo não télico, possa precedê-lo.

Por isso, assumo que existe uma restrição que iniba a ocorrência de dois itens (verbaux) foneticamente iguais numa CVSs. Esta restrição é confirmada por outros verbos que ocorrem dentro e fora de CVSs, e que apresentam um comportamento preposicional e verbal em diferentes contextos, como por exemplo *pe*, em (44) e *da*, em (45).

- (44) *Men bo pe mon d'e pe meza.
mãe 2SG pôr mão de-3SG pôr mesa
'A tua mãe colocou a mão em cima da mesa.'
- (45) *Pe d'e da djelu da bo.
pai de-3SG dar dinheiro dar 2SG
'O seu pai deu-te dinheiro.'

Conclui-se que não existe evidência convincente para mostrar que *ba* e *bi* não formem uma sequência serializante com o verbo precedente, uma vez que se estes verbos se comportam de forma semelhante a outras CVS que analisámos no que respeita à marcação aspectual, focalização do verbo, etc. Além disso, os contextos de pergunta-resposta sustentam a 'hipótese CVS', já que em (46b) um ou ambos os verbos de movimento constituem uma resposta possível à pergunta de (46a):

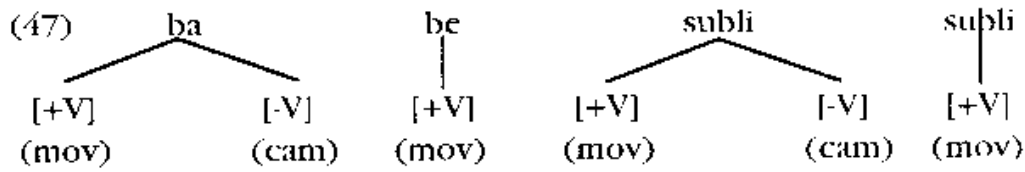
- (46) a. Zon che ba bende pichi?
'Zon saiu para vender peixe?'
- b. E che be. / E che. / E be.
'Saiu.'

Para estas construções assumo a mesma estrutura proposta em (29), com um operador e um PRO.

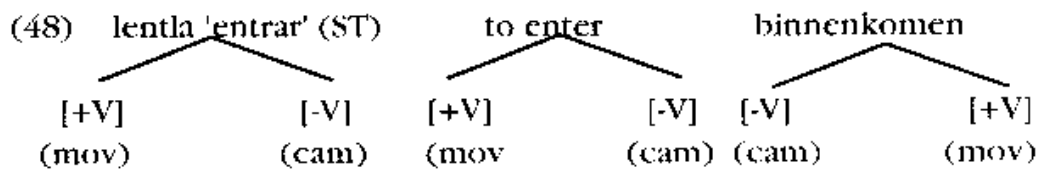
5. A hipótese híbrida

Vimos, portanto, que verbos de movimento do tipo *ba* podem seleccionar argumentos locativos directos. Por isso, estes verbos reúnem traços de [Movimento] e [Caminho], mas apenas no caso de [Alvo] estar disponível.

Assumimos, de resto, que [Movimento] comporta um traço [+V] e [Caminho] um traço [-V], o que nos fornece os seguintes padrões:



Esta distribuição de traços é comum em outras línguas, embora seja igualmente frequente encontrar línguas em que a preposição está presente de forma explícita. Compare-se, por exemplo, o verbo 'entrar' em ST, Inglês e Neerlandês. A forma do Neerlandês, *binnenkomen* 'entrar' é constituída por um elemento preposicional (*binnen* 'dentro') e o verbo (*komen* 'vir').



Por conseguinte, assumo que o léxico armazena verbos como *ba*, *be* e *bi* como [-N, αV], ou seja, o traço [αV] adquire a sua especificação durante a derivação. Como *be* é negativamente especificado para [Caminho], deduz-se que constitui a contrapartida exclusivamente verbal de *ba*, i.é [-N, +V]. Por analogia, esta análise poderá ser alargada a outros verbos intransitivos. As estruturas de focalização formam evidência para este ponto da nossa exposição, uma vez que nos permitem isolar estes dois traços (cf. 49 e 50). Da mesma forma, o complementador também pode ser isolado do verbo, o que se verifica em (51).

- (49) Sa [_{PP} [_P ba] [_{NP} losa]] ku Zon ka subli [_{ASPP} [_{ASP} ka [_{VP} [_V be]]]]⁵.
 ser ir roça que Zon ASP subir ASP ir
 'É para a roça que Zon costuma sempre subir.'
- (50) [_{PP} [_P ba] [_{NP} losa]], Zon ka subli [_{ASPP} [_{ASP} ka [_{VP} [_V be]]]].
 Para a roça, Zon costuma subir sempre.'
- (51) Sa [_{CP} [_C ba] bende pixil] ku mwala che ka [_V be].
 'Foi para vender peixe que a mulher saiu.' (cf. (32))

O verbo *pe* 'pôr' em CVS locativas apresenta uma natureza claramente híbrida entre V e P (cf. Hagemer 1999), confirmando esta hipótese. O constituinte clivado é um PP, enquanto o constituinte na posição de base é um VP, o que se torna evidente devido à possibilidade de este receber marcação aspectual.

- (52) Sa [_{PP} [_P pe [_{NP} djibela]]] ku tlabado ka tufu djelu [_{ASP} [_{ASP} ka [_{VP} [_V pe]]]].
 ser pôr bolso que trabalhador ASP meter dinheiro ASP pôr
 'É no bolso que o trabalhador costuma sempre colocar o dinheiro.'

O constituinte clivado em (52) pode ser substituído por uma verdadeira PP com a preposição *ni* (cf. 53) sem que o significado da frase seja alterado. Isto permite nos concluir que o movimento e o Alvo desse movimento podem constituir entradas distintas.

- (53) Sa [_{PP} [_P ni [_{NP} djibela]]] ku tlabado ka tufu djelu [_{ASP} [_{ASP} ka [_{VP} [_V pe]]]].

Outras verbos de direcção de movimento, como *subli*, em (54), podem ser substituídos por preposições, à semelhança do par *pe/ni*.

- (54) Sa [_{PP} *subli/liba oke*] ku munken ka nda [_{ASP} [_{ASP} *ka* [_{VP} *subli*]]].
 ser {subir/cima} ladeira *munken* ASP andar ASP subir
 'É a ladeira que o *munken* (pombo) sempre costuma subir.' (aprox.)

De resto, verbos que já foram reanalisados na segunda posição em CVSS, como é o caso de *da* 'dar', em (55), já não apresentam esta natureza híbrida e comportam-se de forma uniforme no que respeita à etiqueta categorial.

- (55) Sa [_{PP} [_P da [_{NP} sum]]] Glomo ku Zon ka tlabo (*ka) [_P da].
 ser dar senhor Glomo que Zon ASP trabalhar (ASP) dar
 'É para o senhor Glomo que o João costuma trabalhar.'

6. Conclusões

No presente artigo procurámos dar conta da distribuição complementar entre os verbos *ba* e *be*, com base na telicidade dos constituintes que estes formam, e as implicações que isso tem para a problemática das CVSS. Assim, argumentámos que a partilha do argumento interno não deve ser considerada uma propriedade intrínseca dessas construções em São-Tomense.

Além disso, defendemos que certos verbos na segunda posição de CVS são subespecificados para o traço [V]. A especificação desses verbos será obtida no curso da derivação. Do ponto de vista do léxico, esta hipótese apresenta-se mais económica e, por isso, superior à possibilidade de haver duas entradas lexicais distintas para cada verbo intransitivo de direcção.

A especificidade de *ba* (e *bî*), comparada com outros verbos de direcção, consiste na sua função de complementador. A subespecificação de [V] dá conta

disso se considerarmos que complementadores, tal como preposições, são geralmente tratados como elementos [-V]. Por isso, a derivação determina se um item como *ba* é mais [-N,+V], explicitado na ocorrência de *be*, ou se é [-N,-V], i.é uma preposição ou complementador. Emonds (1985), por exemplo, argumenta que complementadores são no fundo preposições veladas, o que se coaduna com a nossa análise.

Verifica-se também que a hipótese híbrida ou de subespecificação não se coaduna com teorias que partem de análises baseadas em traços binários plenamente especificados, como Emonds (1985) ou Grimshaw (1991), mas vai ao encontro de teorias que sugerem a existência de cabeças semi-lexicais (cf. por exemplo Van Riemsdijk 1998 para o domínio preposicional e nominal).

Notas

- 1 Dois dos testes para distinguir os inergativos dos ergativos em Português, nomeadamente a possibilidade de formar sufixos agentivos ou formas participiais, são inconclusivos quando aplicados ao São-Tomense.
- 2 Note-se que o termo comitativo não se limita apenas a expressões com um traço [+animado].
- 3 Sequências de V's sem essa coesão são possíveis, mas trata-se claramente de casos de coordenação com pausas discursivas. Nestas circunstâncias, a repetição da marca de tempo já se torna aceitável.
- 4 AspP é o nó mais alto que aparece no segundo SV de CVS em São-Tomense. O nó temporal só está disponível para SVI nestas construções.
- 5 A focalização do NP locativo é uma indicação de que o SV não é gerado na base.

- (i) Sa [_{NP} losa]_i ku Zon ka subli be t_i .
 ser roça que Zon ASP subir ASP ir
 'É a roça onde Zon costuma ir sempre.'

A situação inversa da focalização do SV/PP consiste na focalização do predicado, como em (ii):

- (ii) Sa [_v be] ku Zon ka subli [_{ASP} [_{ASP} ka [_{PP} [_{v/P} ba losa]]]].
 ser ir que Zon ASP subir ASP ir roça
 'Zon sobe mesmo sempre para a roça.' (aprox.)

Em (ii), o constituinte *ba losa* tem de preservar um traço verbal juntamente com o traço preposicional, uma vez que se insere num predicado complexo com os dois Vs a formarem uma projecção alargada (cf. Grimshaw 1991 e Van Riemsdijk 1998).

Referências

- BAKER, M. (1989), Object Sharing and Projection and Verb Serialization, *Linguistic Inquiry*, 20.
- CHOI, S. & BOWERMAN, M. (1991), «Learning to express motion events in English and Korean: the influence of language-specific lexicalization patterns», *Lexical & Conceptual Semantics*, Blackwell.
- COLLINS, C. (1997), Argument Sharing in Serial Verb Constructions, *Linguistic Inquiry*, 28.
- EMONDS, J. (1985), *A Unified Theory of Syntactic Categories*, Dordrecht, Foris.
- FERRAZ, L. (1979), *The Creole of S. Tomé*, Witwatersrand, Witwatersrand University Press.
- GRIMSHAW, J. (1991), «Extended Projection», manuscrito, Brandeis University.
- HAGEMEIJER, T. (1999), Serialização e Gramaticalização em São-Tomense, *Actas do XIV Encontro da APL*, Vol. II.
- HAGEMEIJER, T. (2000), *Serial Verb Constructions in São-Tomense*, dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa.
- LEVIN, B. & RAPPAPORT HOVAV, M. (1995), *Unaccusativity*, Cambridge, Mass., MIT Press.
- LORD, C. (1993), *Historical Change in Serial Verb Constructions*, J. Benjamins.
- MUYSKEN, P. & RIEMSDIJK, H. van (orgs) (1985), *Features and Projections*, Dordrecht, Foris.
- RIEMSDIJK, H. van (1998), «Categorial Feature Magnetism: the endocentricity and distribution of projections», *Journal of Comparative Germanic Linguistics*, 2, Rotterdam, Kluwer.
- VEENSTRA, T. (1996), *Serial Verbs in Saramaccan*, Den Haag, HIL.
- WINFORD, D. (1993), «Directional Serial Verb Constructions in Caribbean English Creoles», *Atlantic Meets Pacific*, J. Benjamins.